



**Eliane
Cantanhêde**

Contra o mau feitiço

O Supremo vetou o financiamento privado das campanhas, a sociedade torce o nariz para o público, o Fundo Partidário não é suficiente e não dá para contar com doações só de militantes. E agora? Cortar gastos é essencial, mas não fecha as contas. A democracia custa caro e, apesar de todas as revelações tenebrosas da Lava Jato, a volta do financiamento privado tem apoiadores e bons argumentos.

Esse foi um dos temas do seminário "A reforma política que queremos", que abordou ontem uma reforma pontual para 2018 e outra mais profunda, para o futuro. O excesso de partidos e a ausência de novos

líderes foram dois dos maiores vilões. Logo, a cláusula de barreira e a atração de novos quadros políticos foram consensuais.

Na abertura, Paulo Delgado, da Fecomercio, foi direto ao ponto: "A má política enfeitiçou o Brasil, onde o privado prevalece sobre o público". Na sequência, o embaixador Rubens Barbosa ressaltou que os corruptos são minoria "e não podemos deixar que a minoria sequestre a agenda real do País e perder o foco das reformas".

Pragmático, Jairo Nicolau, da UFRJ, falou em "colapso", "momento dramático", "fim de um ciclo de um sistema representativo, que está se dissolvendo em praça pública", mas alertou que o mais urgente e viável é uma "reforma minimalista" para 2018: "Não vamos mudar um sistema eleitoral de 70 anos em quatro meses".

Propôs cláusula de barreira, fim das coligações, limitação do horário eleitoral e do Fundo Partidário aos que obtenham mais de 1,5% dos votos, aumento do Fundo Partidário em ano eleitoral, limite de doações e autofinanciamento, prestação de contas online, teto de gastos, dedução no IR das pequenas doações até R\$ 2 mil.

Apesar de todas as revelações tenebrosas da Lava Jato, a volta do financiamento privado tem apoiadores e bons argumentos.

FONTE A CIDADE
DATA 28/04/17
PÁGINA 10

José Alvaro Moisés, da USP, criticou "a assimetria entre Executivo e Legislativo, pois o presidente do Brasil é um dos mais poderosos do mundo" e provocou: "Dois impeachments levam ao debate sobre o parlamentarismo". Defendeu cláusula de barreira, restrição das coligações e redução dos distritos eleitorais para baratear as campanhas. Quanto ao financiamento: sistema misto de Fundo Partidário público com doações de pessoas físicas, mais teto de gastos.

José Eduardo Faria, USP e FGV, criticou a distorção da representação parlamentar, ou desequilíbrio entre população e número de eleitos, que, segundo ele, prejudica São Paulo e favorece Norte e Centro-Oeste. E também discordou da tese de uma comissão de notáveis para a reforma política: "Seria um erro monumental. Afinal, o que é notável?" O risco seria manipulação por igrejas e grupos de interesse.

O líder do Movimento Vem pra Rua, Rogerio Chequer, atirou contra "traquinagens do Congresso" e "cenas sórdidas sobre o que estão fazendo com o nosso dinheiro". Sugestões: candidaturas independentes, fim da reeleição, voto distrital e financiamento pelos militantes. Lembrou, ainda, que 19 das 21 maiores democracias têm recall de políticos.

Luís Felipe d'Ávila, do Centro de Liderança Política (CLP), fez uma advertência fundamental nesses tempos de crises e Lava Jato: "Renovação política não pode cair na armadilha da demagogia e do populismo". Líder do movimento "Eu voto distrital", disse que o maior problema é na Câmara e propôs acabar com o voto proporcional. As votações seriam pelos sistemas distrital e majoritário.

Para Milton Seligman, do Insper, com a redemocratização formal, "a democracia saiu da nossa agenda", concentrada na economia, em programas e em metas. Criticou os "custos descomunais" das campanhas e a proliferação de partidos e propôs cláusula de barreira, ou de representação, como prefere. Ao defender a reforma, lembrou que as medidas em debate no Brasil são adotadas nos EUA, "mas isso não evitou a eleição do Trump".

EM JUNHO

Medicina da USP faz workshop para alunos do ensino médio

As inscrições para o 20º Workshop de Medicina, realizado pela USP de Ribeirão Preto, já está com as inscrições abertas para alunos do ensino médio. O workshop será nos dias 6, 7, 27 e 28 de maio e 4, 24 e 25 de junho. Realizada pelos alunos da Faculdade de Medicina, o workshop promove o contato dos estudantes de ensino médio com o ensino e a prática médica. Na inscrição, realizada online, o interessado escolhe um dos dias para participar. É necessário pagar uma taxa de R\$ 110, que inclui camiseta, almoço, lanche, coffee-break, pasta e certificado. As aulas serão no Campus da USP, na avenida Bandeirantes, 3900.

FONTE A CIDADE
DATA 28/04/17
PÁGINA 12

FONTE A CIDADE
DATA 28/04/17
PÁGINA 24

 **EXCLUSIVO**

USP DE RIBEIRÃO TEM WORKSHOP SOBRE MEDICINA

Se você está no ensino médio e pensa em prestar medicina, atenção! As inscrições para o 20º Workshop de Medicina, realizado pela USP de Ribeirão Preto, já está com as inscrições abertas. O workshop será nos dias 6, 7, 27 e 28 de maio e 4, 24 e 25 de junho. Veja como fazer as inscrições e como participar das aulas.



DMULGAÇÃO



FONTE TRIBUNA
DATA 28/04/17
PÁGINA A-4

HEMOCENTRO ABRIRÁ NO FINAL DE SEMANA

O Hemocentro de Ribeirão Preto vai abrir no sábado (29), domingo (30) e na segunda-feira, Primeiro de Maio, feriado em homenagem ao Dia do Trabalho. O banco de sangue, no campus da USP, atenderá sábado, domingo e segunda das sete horas às 12h30. O Posto de Coleta, na rua Quintino Bocaiuva n° 470, abre no domingo e na segunda, das sete às 12h30. Os tipos sanguíneos O negativo e O positivo são os mais escassos no estoque. O tipo O negativo precisa ter no mínimo 77 bolsas, mas tinha apenas 24 bolsas na manhã desta quinta-feira (27). O sangue O positivo tem 63 bolsas, quando precisa de 354 para manutenção de estoque de segurança. Em Franca, o Hemocentro fica na avenida Helió Palermo n° 4.181. Abrirá no sábado, das sete às 11h30. A instituição atende a 110 hospitais na região. O doador pode agendar sua doação pelo 0800.9796049.